

# SINDIELETRO

Ano XXII - Número 59 Belo Horizonte, janeiro de 1987

BH

Companheiros da Nuclebrás se filiam ao Sindieletro. Leia nesta edição.



A paralisação de uma hora foi um marco na luta dos eletricitários

Tudo sobre a Campanha Salarial 86. Nas páginas centrais.

# REPRESSÃO

**S** em sombra de dúvida uma das notas mais tristes nesta nossa Campanha Salarial foi constatar — in loco e através de denúncias de vários companheiros — a postura repressiva de uma minoria de chefes de setores, que se deixaram usar como instrumento de repressão aos companheiros trabalhadores, acatando ordens reacionárias e radicais da Cemig. É frustrante, nesse período de construção da democracia que vivemos, ver esses chefes assumindo o papel de cão de guarda da empresa. Todos os eletricitários estavam conscientes da legitimidade de nossa luta, de nosso movimento pacífico. E isso, é claro, não justifica nenhum tipo de repressão, a ponto de os próprios diretores do Sindicato serem ameaçados. Logo, o clima de repressão havido foi mero exercício de reacionarismo desses poucos chefes, servindo de instrumento de combate aos trabalhadores eletricitários. E devemos ainda atentar para o fato de que essas pessoas vão afinal usufruir dos resultados de nossa luta. Como por exemplo, na questão do Plano de Cargos e Salários, que está em nossa pauta desde 1983. Por isso é tanto mais lamentável essa sua condição de algozes, num momento difícil para os trabalhadores, em luta pelo legítimo direito a uma vida melhor e mais digna.

Vamos deixar de lado a questão política, social ou econômica disso tudo. Vamos nos ater apenas à questão pelo ponto de vista humano. O homem, apesar de tudo, está num avanço de consciência crítica, todos anseiam por um tempo de respeito entre os homens, um tempo de fraternidade, de compreensão e respeito aos direitos dos outros. Pois esses chefes repressores pararam no tempo, no tempo da ditadura, do obscurantismo. Não têm noção de companheirismo, de fraternidade, de respeito à luta dos outros. Com tantas oportunidades de companheirismo, de amor e de participação que um movimento como o nosso enseja, eles optaram por uma postura baixa, mesquinha, indigna e desumana.

Estamos elaborando o "Dossiê Repressão" e vamos enviá-lo ao governador a ser empossado em março, às autoridades da área energética brasileira, com criterioso levantamento de nomes dos chefes envolvidos em represões aos eletricitários. Não pelo jogo baixo de estar simplesmente denunciando nomes. Mas o Dossiê vem como um legítimo direito de defesa dos trabalhadores, no seu direito de saber quem é seu inimigo no seu próprio meio. Os repressores têm de aprender pelo menos uma única lição: a de que todos devemos arcar com as consequências do que fazemos.

## Editorial

Chegamos ao fim da mais longa campanha salarial da história do nosso Sindicato e, em que pesem as imensas dificuldades, quanto mais nos detivermos ao conjunto de fatores econômicos e políticos vividos pelo País, mais nos convencemos de que conseguimos uma vitória relativamente importante.

Podemos então apresentar alguns fatores internos e externos que de uma maneira ou de outra influíram decisivamente em nossa Campanha:

— junto aos aspectos positivos, o Plano Cruzado decretado em 28 de fevereiro trouxe mecanismos de arrocho salarial mas, devido a uma massiva propoganda dos aspectos positivos, a classe trabalhadora desacelerou o nível de mobilização alcançado no ano de 85. Isto também refletiu em nossa categoria;

— dentro do quadro acima, os salários foram congelados e mesmo as categorias mais combativas e organizadas como bancários, metalúrgicos, petroleiros, eletricitários de Furnas e outras conquistaram reajustes abaixo de 15%, mesmo os que foram à greve;

— dentro da rigidez do Plano Econômico do governo, coube maior aperto em cima das estatais;

— o fato de nossa data-base ser 1º de novembro não deu amparo legal para que pudéssemos escapar dos efeitos desastrosos do Cruzado II e do aumento das tarifas energéticas para redirecionar nossas reivindicações.

### QUESTÕES INTERNAS

Apesar da multiplicação de nossa propaganda, não foi possível contar

com uma maior mobilização de nossa categoria. Até mesmo as Comissões tiradas em assembleias não tiveram o desempenho esperado. No caso da paralisação, uma parcela da categoria se deixou intimidar pela repressão de alguns chefes.

Um outro ponto crítico de nossa Campanha Salarial foi a questão da unidade. Avançamos, não resta dúvida, mas não a um ponto necessário para uma caminhada mais firme. Apenas alguns sindicatos chegaram ao fim da Campanha efetivamente unidos. Levando em conta a somatória geral de todos esses fatores, nosso acordo salarial teve, apesar de tudo, um saldo positivo. Principalmente porque, além de a categoria ter mostrado um significativo amadurecimento, culminando com a paralisação, o plebiscito mostrou que a palavra "greve" já não é mais um bicho de sete cabeças para a classe dos eletricitários.

Mais ainda, o mito da "Cemig-mãe" caiu por terra, ficando claro como nunca o abismo que separa a eficiência econômica da empresa e sua falta de sintonia com o valor de seus empregados e com o atual momento de transição democrática. Ora, muitas empresas estatais já admitiram o trabalhador na direção da empresa, e no caso da Cemig não se aceita sequer uma comissão paritária para discutir o Plano de Cargos e Salários, ou o horário corrido, a periculosidade etc.

Por tudo isso, companheiros, não temos dúvidas do nosso avanço e temos a certeza de que o ano de 87 vai começar com muita luta, exigindo disposição e unidade de nossa parte, nesses tempos que se anunciam dos mais difíceis para a classe trabalhadora.

## EXPEDIENTE

SINDIELETRIC  
JANEIRO DE 1987  
ANO XXI — Nº 59

Órgão informativo do SIEEBH — Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Belo Horizonte.

Sede: Rua Mucuri, 271 — Horresta — Belo Horizonte — Minas Gerais — Telefone: 226-0066.

Diretoria: Vivaldo de Souza Neto, Emílio José Henriques, Mozart Guedes de Araújo, João Alves da Rocha, José Lourenço da Silva, Rômulo Eustáquio G. So-lha, Ney Eustáquio R. de Alencar.

Suplentes: Idair Rodrigues de Almeida, Cláudia Muinhos Ricaldoni, Paulo Roberto da Silva, José Augusto de Assis, Waldir Teixeira Lelis, Washington José dos Santos, José Dionísio de Oliveira.

Conselho Fiscal: Maurílio Chaves dos Santos, José Avelino, Paulo Márcio Rago Cardoso.

Suplentes: Dirceu José Gonzaga, Geraldo Peixoto, Marlos Martins.

Delegados à Federação: Eder Duarte Caldeira e Orlando Cardoso.

Suplentes: Carlos Alberto Pinto Coelho e Alvarino Cândido de Lima.

### JORNAL

"SINDIELETRIC"

DIRETOR RESPONSÁVEL: Vivaldo de Souza Neto  
EDITOR RESPONSÁVEL: Haroldo Norberto Ferreira, Reg. Prof. 2.731 DRI/MG.  
ILUSTRAÇÃO: Nivaldo COLABORAÇÃO: José Francisco Neres.

Jornal de circulação dirigida e distribuição gratuita aos associados do Sindicato.

Tiragem desta edição: 10 mil exemplares.

# Cruzado II

## Quem

## será nocauteado?

— Vivaldo de Souza Neto

O Plano Cruzado foi sem dúvida um dos fatos mais importantes da História brasileira dos últimos tempos. No seu primeiro momento, pelo menos, foi uma tentativa até radical de redirecionar por completo o desenvolvimento nacional, isto é, deixar à margem das benesses e incentivos governamentais os setores que com a ditadura alcançaram uma exclusividade em termos de lucros e desenvolvimento.

Mas como já dizia Chico Buarque em uma de suas canções, há uma enorme distância entre intenção e gesto. Assim, a quem o Cruzado deveria golpear de cheio — o setores financeiros — só foi levemente atingido pelo Plano. Tão levemente que logo deram a volta por cima e ressurgiram como mola-mestra da economia nacional. Os brasileiros pensaram que afinal havia chegado a hora do trabalho e da produção, ou seja, a hora enfim de valorizar quem trabalha e quem produz.

Nessas alturas do campeonato, torna-se um exercício inútil querer descobrir quem é o culpado da derrocada do Plano Cruzado. Falhou o governo, falharam os partidos políticos e o movimento popular que não soube organizar e mobilizar os trabalhadores pelo aprofundamento dos aspectos positivos do Plano, e com isso quem mais um vez vai pagar a conta são os trabalhadores, é todo o povo brasileiro. O governo falhou porque não soube ou não teve o suficiente respaldo para combater energeticamente os pecuaristas, os banqueiros, os cobradores de água. Na verdade, a mais desastrosa herança da Nova República é o famigerado "grupo dos dez", composto pelos dez maiores bancos privados e pelos dez maiores supermercados, praticamente com o destino do País nas mãos, tamanho o crescimento econômico e político que alcançaram nos tempos de exceção, e do qual agora não querem abrir mão.

O Cruzado II foi a pá de cal no que restava do Projeto de Estabilização Econômica do governo. O realinhamento dos preços — considerando que o governo consiga fazê-lo — vai inevitavelmente trazer inflação, e esta por sua vez será alimentada pelos atravessadores de toda ordem. As taxas de juros já dispararam outra vez no mercado financeiro, descontrolando os investimentos no setor produtivo da economia, principalmente nas pequenas e médias empresas brasileiras, que no fim das contas é o segmento que mais emprega mão-de-obra no país. Dessa forma, a médio prazo o mercado não terá como absorver mão-de-obra.

Por aí se vê que 87 não será um ano fácil para a classe trabalhadora. Se os trabalhadores não sedimentarem de vez uma unidade de ação, uma pauta comum de luta, as perdas e o retrocesso nas conquistas sociais e econômica serão inevitáveis. E queira Deus que o retrocesso não atinja ainda o campo político, tomara que o barco da democracia resista ao turbilhão de reivindicações e interesses antagonísticos que se avizinham. Daí ser preciso uma unidade firme, concreta e assentada em bases reais de mobilização política da classe trabalhadora.

Nesse sentido, um primeiro e decisivo passo foi alcançado com a greve geral do dia 12. Não cabe aqui discutir se foi ou não um sucesso. O ponto altamente positivo foi justamente a unidade alcançada entre as centrais sindicais. Não deixar que esta unidade morra, redirecioná-la de baixo para cima, a partir dos sindicatos, ampliá-la com efetiva participação dos partidos progressistas e atuar permanentemente em consenso. Esta é a tarefa básica da classe trabalhadora para este ano de 87. Se não conseguirmos realizá-la, o retrocesso, em todos os sentidos, será extremamente difícil de ser evitado.



# Plebiscito, uma grata experiência

Um filósofo já dizia que "nas horas mais difíceis é que o ser humano busca toda energia e supera obstáculos até então insuperáveis".

Com o plebiscito realizado pelo Sindicato nos próprios locais de trabalho, abriu-se uma nova perspectiva para o avanço das lutas do empregado da Cemig no ano de 1987. Nascido numa hora de certo esvaziamento da assembléia, a melhor saída foi buscar uma solução mais consensual para o impasse nas negociações com a Cemig. As respostas dadas por todos foram bem mais além de uma aprovação ou não de uma proposta já soterrada pelo Cruzado II.

As respostas foram acompanhadas de centenas de sugestões que indicam o CAMINHO DA MOBILIZAÇÃO PERMANENTE, via negociação mensal. Por exemplo: Plano de Cargos e Salários em janeiro; Horário Corrido e antecipação salarial no mês de março de 1987. Tais reivindicações exigem a continuidade de negociação e

assembléias mensais para obtenção das respostas da empresa.

Significam ainda que numa situação diferente da vivida neste acordo, não apenas 700 empregados votariam pela greve mas a grande maioria. Daí voltarmos a chamar a direção da Cemig à responsabilidade, no sentido de negociar com mais sinceridade e maior flexibilidade, no atendimento das reivindicações.

Entre as críticas e sugestões que reputamos de muito valor estão as que apontam nossas falhas: o conjunto da diretoria não atuou de forma homogênea; a questão dos sindicatos unificados apresentaram discrepâncias na mesa de negociação.

Todos nós precisamos ver essas críticas com espírito de humildade e corrigir as falhas. É verdade que, em alguns casos, há aqueles companheiros que pensam que o papel da Diretoria do Sindicato é dar solução para os problemas que muitas vezes são de ordens governamentais, constitucionais, etc. Existem, ainda, aqueles que se

omitem, não participam e querem que a Diretoria assuma sozinha uma luta que é de todos.

A verdade, companheiros, é que por mais que se queira fugir dessa dura realidade, o Sindicato é o resultado fiel da força de cada associado e da categoria. E, porque não dizer, sua diretoria é o espelho da classe.

Outra mostra gratificante do plebiscito é que um número considerável de companheiros vê com clareza a política do governo como obstáculo principal na luta trabalhista. E vêem como saída a união de todos os trabalhadores e a conjugação da luta econômica com a luta pelas transformações políticas.

Da parte da Diretoria, estamos dispostos a acertar lutando, aprofundando a avaliação com humildade e vontade de acertar. Não temos receio de discutir e muito menos de aceitar as críticas corretas. Estamos cientes das profundas transformações que se avizinham e temos certeza que através da participação, da organização e das lutas reivindicatórias, nossa categoria vai dar um salto à frente.

## Retificação

No BOLETIM DO SINDIELETRÔ, onde divulgamos o resultado geral do Plebiscito, houve uma falha nossa, que queremos agora retificar. A falha aconteceu ao redigirmos os números de votos do interior correndo também da capital. Eis o resultado correto:

A FAVOR DA GREVE	95
CAPITAL	61
INTERIOR	34
TOTAL	190
ABSTENÇÃO	11

CONTRA A GREVE	1.97
CAPITAL	1.35
INTERIOR	58
TOTAL	3.12

## Trabalhadores da

## Nuclebrás se filiam

## ao Sindieletrô

O sindicato que já vinha participando das lutas dos trabalhadores da Nuclebrás oficializou a filiação daqueles companheiros junto a família eletricitária.

A nuclebrás tem repartição em BH com cerca de 400 trabalhadores sendo que boa parte deles são físicos nucleares.

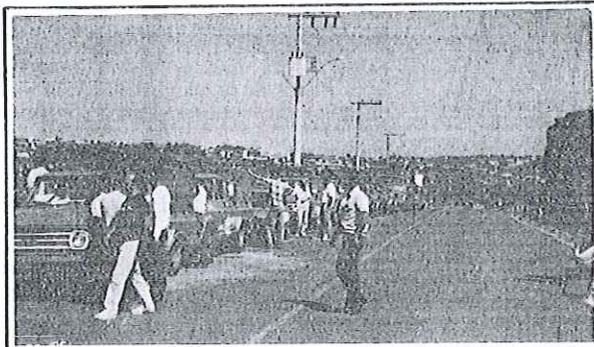
Trata-se de uma categoria nova de empregados das Usinas Nucleares que por ser uma das formas de energia pertencem à nossa categoria profissional.

Mais de 250 já filiaram a nosso sindicato e trazem uma excelente bagagem de luta com dois importantes acordos salariais conquistados com intensa mobilização que chegou a uma greve no dia 12.

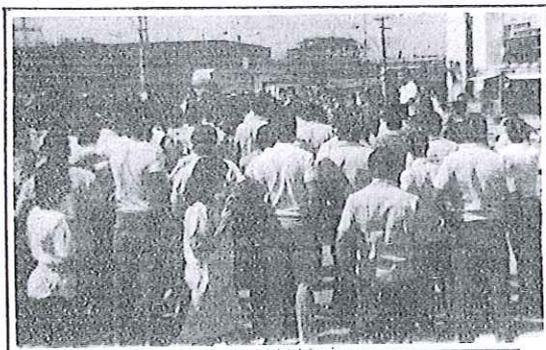
No dia 25 de novembro foi realizada eleição para representante sindical com a excelente participação de 446 trabalhadores que elegeram para seus representantes:

Waldeck Francisco Neves, 173 votos, Perpétua Aires de Atayde, 152 votos e Luiz Antônio de Carvalho, 118 votos.

A família eletricitária se sente orgulhosa com a presença destes novos companheiros e espera contar com a participação ativa deles no fortalecimento do sindicato.



Carros parados: eletricitários em luta

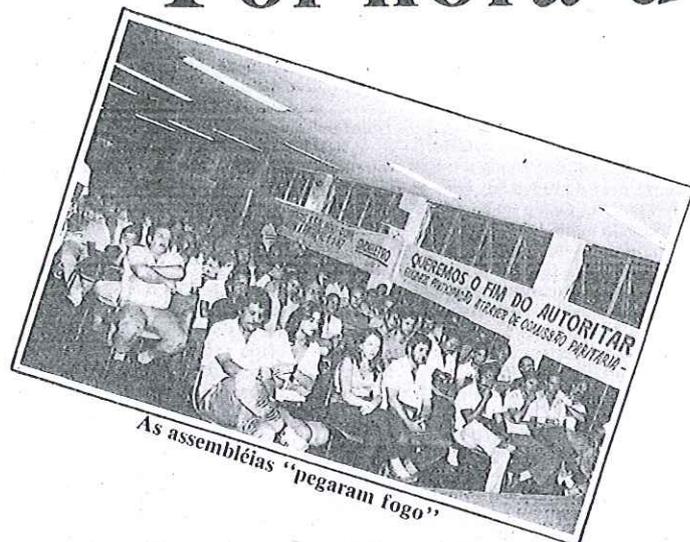


A paralisação mobilizou todos os setores

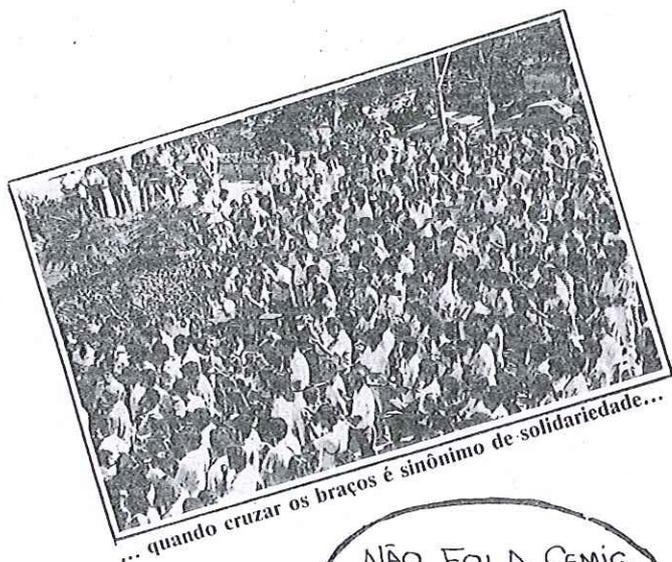
# CAMPANHA

## Foi hora de

Nós eletricitários, como dissemos em um de nossos Boletins, estamos num acelerado processo de acumulação de forças, que resultou na paralisação de uma hora nesta campanha salarial. E isso aumenta ainda mais de importância quando lembramos algumas características de nossa categoria, como por exemplo a nossa ampla base territorial, abrangendo praticamente todo o Estado; a diversidade de funções na empresa; o fato de a categoria toda trabalhar numa única empresa; o fato de esta empresa ser estatal; e por que não, mal acabamos de sair de uma ditadura, que teve, evidentemente, reflexos negativos no sindicalismo brasileiro. Mas o saldo é esse, como bem o demonstrou nossa mobilização ao longo de toda a Campanha Salarial deste ano. Um saldo positivo, onde velhos tabus foram quebrados, onde grandes dificuldades foram vencidas, como a questão da unidade. A unidade, reafirmamos, é um princípio de que os trabalhadores não devem nunca abrir mão. Acreditamos que ficou claro para todos a necessidade e os avanços que podemos ter sempre que a unidade for a tônica entre os trabalhadores.



As assembléias "pegaram fogo"



... quando cruzar os braços é sinônimo de solidariedade...

NÃO FOI A CEMIG QUE "DEU" O NOSSO ACORDO, NÓS O CONQUISTAMOS!



... os companheiros do interior (na foto Sete Lagoas) disseram sim.

Os companheiros do interior deram nesta Campanha Salarial uma demonstração de avanço de consciência e organização, traduzida na participação e na luta de todos.

Realizaram assembléias, debateram nossa pauta de reivindicações, participaram ativamente do plebiscito, enfim, os companheiros do interior deram um show de mobilização e de luta.

Em 87, nossa luta será seguramente maior e melhor. O Sindicato está acelerando as turbinas de sua área Educação Sindical. É aí que vamos discutir a fundo nossas questões sindicais, nossos problemas, discutir o melhor caminho de encaminhar nossas reivindicações e estreitar mais ainda nossas mãos para fazer o bom combate.

Saudações sindicais, companheiros.

# SALARIAL 86

## lutar. E lutamos

3



A Cidade Industrial também parou

### CAMPANHA UNIFICADA

Vamos deixar claro de saída: entendemos como fundamental para nossas lutas atuar sempre dentro de uma unidade, lado a lado com todos os sindicatos das diversas categorias que trabalham na Cemig. Entretanto, algumas considerações devem ser feitas (e o Sindieletrô aqui as faz como ponto de partida de uma discussão mais ampla com demais companheiros).

- Nossas observações iniciais são as seguintes:
- a) É necessário um entendimento não só inicial, como aprofundar as discussões ao longo da Campanha Salarial, trocando informações vindas das respectivas bases, numa forma de acompanhar de perto o termômetro de todo o conjunto das categorias envolvidas;
  - b) É fundamental que o final da Campanha se dê em conjunto, e nunca isoladamente;
  - c) Cada passo da luta deve ser tirado e debatido por todos. O consenso deve estar presente em todas as ações.
  - d) Na mesa de negociação deve haver homogeneidade de linguagem;
  - e) Todos devem fazer um esforço de "enxugamento" das respectivas pautas, para facilitar a unificação.
- Nossas observações, reiteramos, têm a finalidade exclusiva de contribuir para um debate que nos leve a cada vez errar menos, que nos leve cada vez mais a solidificar uma verdadeira e profunda unidade.

### GASTOS COM CAMPANHA SALARIAL

1 — Faixas, Camisetas, Etiquetas, Som, Fotografias, Boletins .....	123.964,50
2 — Despesas com representantes sindicais e caravanas vindas do Interior .....	15.877,02
3 — Publicações de Editais .....	3.963,80
4 — Serviços Terceiros (Revisões de máquinas) .....	2.954,87
5 — Transportes (especiais do Interior, condução para entrega de boletins) .....	15.543,72
6 — TOTAL .....	162.303,91

### RETRATO 3 x 4 DA CAMPANHA 86

- ★ Foram mais de 46 dias de negociações com a empresa. Ao final de cada rodada de negociação era realizada uma assembléia-comício na porta do prédio central da Cemig, na av. Barbacena. Ali a Diretoria do Sindieletrô informava os trabalhadores do andamento das negociações, e inúmeras vezes a vaia estrondava contra os negociadores da empresa, pela postura antidemocrática e intransigente com que quase sempre tratavam os trabalhadores eletricitários.
- ★ O Sindicato foi com tudo para a organização da infra-estrutura da Campanha Salarial. Confeccionamos 93 faixas; doze mil adesivos; utilizamos cerca de seis carros de som, em cinco oportunidades; os contatos telefônicos com o pessoal do interior se fez de maneira ágil, através do Departamento do Interior; foram feitos e distribuídos às bases cerca de 30 edições do Boletim do Sindieletrô, ou seja, mais de 270.000 boletins informando passo a passo o andamento da nossa luta; a grande imprensa foi convocada e deu cobertura às principais manifestações do Sindicato; nenhum companheiro empregado do Sindieletrô, quando necessário, deixou de trabalhar até as 21/22 horas.
- ★ Diversos diretores visitaram as bases, em rodizio, trocando informações e debatendo a melhor maneira de encaminhar a luta com os companheiros dos mais diversos locais de trabalho.
- ★ No decorrer de toda a Campanha foram realizadas, só em Belo Horizonte, 10 assembléias. Sem contar a assembléia permanente toda 5ª feira. Também no interior as assembléias aconteceram e eram posteriormente transmitidos os resultados para o Sindicato, que os repassava para os trabalhadores de BH.
- ★ Foram confeccionadas cerca de 45 camisetas com as inscrições de nossas principais reivindicações.
- ★ No dia da paralisação, foram mobilizados carros de som para todos os setores da empresa, além de fotógrafos, faixas e material de imprensa com palavras de ordem tiradas nas assembléias.

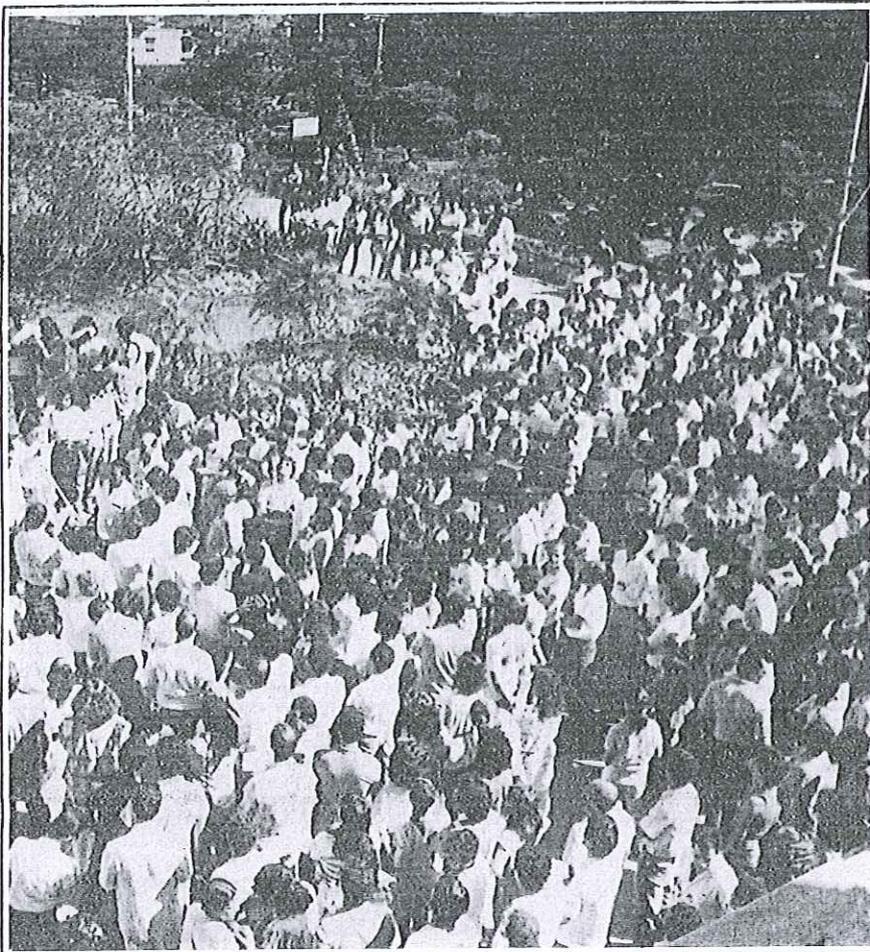


A maneira de participar: concentração na sede



“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento, mas não se diz violentas as margens que o comprime”

B. Brecht



**REAJUSTE SALARIAL:** A Companhia reajustará, em 01.11.86, o salário-base de todos os seus empregados ocupantes de cargo de natureza permanente, representados pelas entidades signatárias, com o percentual equivalente a 100% (cem por cento) do Índice de Preços ao Consumidor, correspondente ao período de março a outubro de 1986.

**PROMOÇÃO SALARIAL:** A companhia aplicará, sobre os salários reajustados com o índice estabelecido na Cláusula 1ª o percentual de 3% (três por cento), a partir de 1º de novembro de 1986 a título de promoção salarial aplicada linearmente.

**GANHO REAL:** A Companhia aplicará, ainda, aos salários, corrigidos nos termos das Cláusulas 1ª e 2ª a partir de 1º de novembro de 1986, o percentual de 2,5% (dois e meio por cento) a título de ganho real.

**AJUDA DE CUSTO PARÁ FÉRIAS:** A ajuda de custo para férias, instituída na Cláusula 7ª, Parágrafo 2º, do acordo salarial assinado em 14.11.63, passa a ser de Cr\$3.200,00 (três mil e duzentos cruzados), acrescidos de 15% (quinze por cento) da diferença entre esse valor e a remuneração mensal do empregado, limitada ao valor da remuneração percebido pelo mesmo, com vigência a partir de 1º de novembro de 1986, Parágrafo único — Compreende-se por remuneração a soma do salário-base, auxílio, salário-habituação, hora extra e gratificação de função.

**CRECHE:** A Companhia elevará para 06 (seis) anos a idade do menor para fins de reembolso de creche. Concorde ainda, em reembolsar segundo o critério vigente e por período de até 06 (seis) meses, a escola da mãe, as despesas com a guarda da criança em seu próprio lar durante seu primeiro ano de vida.

**PRODUTIVIDADE:** A Companhia concederá, a

a partir de 1º de novembro de 1986, um aumento a título de produtividade, no valor do percentual a ser fixado pelo Poder Executivo, conforme disposto no artigo 12 da lei 7.238, de 29.10.84, desde que decretado para aplicação aos acordos com vigência em 1986.

**COMPENSAÇÃO:** Fica acordados que os aumentos a que se referem as cláusulas 2ª e 3ª serão definitivamente incorporados ao salário-base, não ficando sujeitos à compensação a que se refere o art. 5º do Decreto Lei nº 2.302, de 21.11.86.

**PLANO DE CARGOS E SALÁRIOS:** implantar, com vigência em janeiro de 1987, o novo Plano de Cargos e Salários de Chefia e Nivel Universitário e com vigência em abril de 1987, os Planos de Cargos e Salários de Apoio Administrativo, Apoio de Engenharia e Operação e de Artífices, desde que sejam todos eles aprovados pelo CISE. Garantir, na implantação dos Planos, um reajuste salarial mínimo de 3% (três por cento). Conforme cronograma apresentado, o Plano de Chefia e Nivel Universitário será submetido ao CISE até 31.12.86 e os demais até 31.01.87.

**HORAS EXTRAS:** elevar a partir de janeiro de 1987 o adicional de horas extras para 50% (cinquenta por cento), a partir da primeira hora extra trabalhada e garantir o pagamento mínimo de 3 (três) horas extras no caso de convocação domiciliar do empregado para a prestação de trabalho extraordinário em domingos e feriados.

**ADIANTAMENTO SIMPLES:** elevar a partir de janeiro de 1987 o teto de adiantamento simples para 3 (três) salários mínimos, limitado a 30% (trinta por cento) do salário-base do empregado.

**SALÁRIO-HABITUAÇÃO:** elevar a partir de janeiro de 1987 o valor do salário-habituação para 6 (seis) valores de referência.

# ACOPI SALAR

**AUXÍLIO-FUNERAL:** elevar a partir de janeiro de 1987 o valor do auxílio-funeral para 2 (dois) salários-mínimos.

**ADIANTAMENTO DE EMERGÊNCIA E SAÚDE:** elevar a partir de janeiro de 1987 o prazo de amortização do adiantamento de emergência e saúde para 10 (dez) meses. Elevar a partir de janeiro de 1987 o número de adiantamento de emergência simultânea para 03 (três), obedecido o limite de 2 (dois) salários brutos do empregado.

**REEMBOLSO DO PAS:** elevar a partir de janeiro de 1987 o teto atual de reembolso do PAS para 12 (doze) salários mínimos.

**JORNADA DE TRABALHO:** reduzir a partir de janeiro de 1987, para 40 (quarenta) horas semanais a jornada de trabalho do pessoal de obras, efetivo e contratado.

**PRÊMIO APOSENTADORIA:** instituir um prêmio aposentadoria correspondente a 1 (uma) remuneração mensal para quem contar 10 (dez) anos de casa, acrescido de 10 (dez) por cento para cada ano excedente até o máximo de 35 (trinta e cinco) anos de serviços prestados à Companhia. Este prêmio é cumulativo com o direito decorrente do acordo assinado em 23.12.82, mas não será computado para qual-



# REGULAMENTO SALARIAL 86

que tem efeito na remuneração do empregado ou cálculo de indenização.

**SOBREAVISO:** pagar 1/3 (um terço) das horas em que o empregado permanecer de sobreaviso, nos termos do regulamento próprio e a partir do mês subsequente ao da aprovação deste.

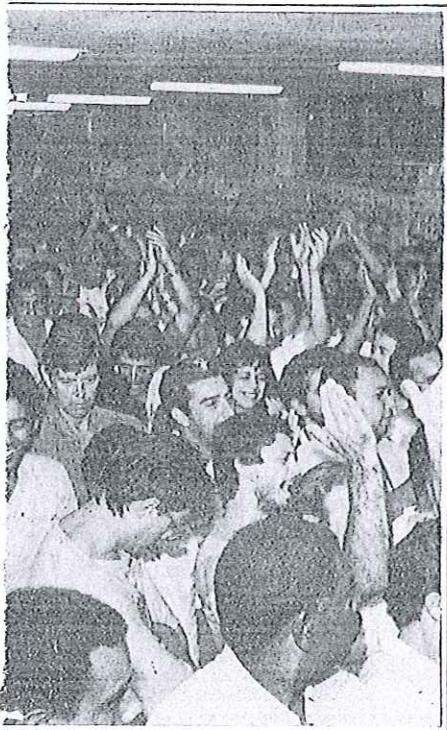
**MENOR APRENDIZ:** corrigir, a partir de janeiro de 1987, a ajuda de custo mensal do menor aprendiz, quando em estágio, para Cz\$1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzados) e permitir-lhe utilizar os hotéis e restaurantes conveniados. Quando em viagem fora da cidade-sede do estágio, terá, ainda, as despesas de hospedagem e alimentação reembolsadas.

**PISO SALARIAL:** corrigir o piso salarial vigente com a aplicação do IPC integral, correspondente ao período de março a outubro de 1986.

**INCLUIR** o pai e o irmão solteiro como dependente do empregado, desde que não possuam renda superior a 2 (dois) salários mínimos observados os demais critérios do PAS.

**ELIMINAR** da tabela do PAS os exames laboratoriais, radiológicos e serviços fisioterápicos, reembolsando 50% (cinquenta por cento) do comprovante de despesas.

**REEMBOLSO:** permitir o reembolso, a partir de



janeiro de 1987, obedecidos os regulamentos próprios de:

— aquisição de colchão de água, mediante justificativa médica — 50% (cinquenta por cento) do valor pago.

— despesas com material de cirurgia em internações, a exemplo de medicamentos.

— aluguel de aparelho ortopédico, mediante justificativa médica — 50% (cinquenta por cento) do valor pago.

— pilhas para aparelho auditivo e marca-passos, com pedido médico — 50% (cinquenta por cento) do valor pago.

— despesas com utilização de ambulância em remoção de empregado e dependente, mediante justificativa médica — 50% (cinquenta por cento) do valor pago.

— 50% (cinquenta por cento) das despesas do empregado com filiação a entidades de assistência médica (ex: Unimed, Golden Cross, etc), inclusive com a taxa de manutenção mensal.

**PERMITIR** o adiantamento de emergência para compra de óculos para dependentes.

**PERMITIR** a concessão de adiantamento de saúde e emergência, para tratamento odontológico em geral, para empregados mediante perícia de necessidade e conclusão de tratamento.

**REENQUADRAMENTO EM FAIXAS** — A Companhia se compromete a levantar casos que porventura existam e corrigi-los até abril próximo. Serão considerados fora de faixa somente os casos que tratam a política de pessoal vigente.

**INSALUBRIDADE:** A Companhia se compromete a examinar os casos encaminhados pelos sindicatos.

**EQUIPARAÇÃO SALARIAL:** A Cemig se com-

promete a examinar os casos que forem apontados pelos sindicatos.

**RECONHECIMENTO DO CARGO DE ASSISTENTE DE DIVISÃO:** Reconhecimento do cargo de Assistente de Divisão, com remuneração, a título de gratificação de função, de percentual no mínimo igual ao atribuído ao Chefe de Seção.

**REAJUSTE NA GRATIFICAÇÃO POR FUNÇÃO ACESSÓRIA** — A Companhia concorda em reajustar os valores da tabela vigente com a aplicação do IPC, conforme ajustado anteriormente com os sindicatos.

**MANUTENÇÃO DE DIREITOS:** Ficam mantidos todos os direitos e vantagens constantes de dissídios coletivos e acordos anteriores, assinados pela Companhia ou por empresas por esta sucedidas e os sindicatos acima mencionados, desde que não tenham sido expressamente suprimidos ou alterados.

## FORLUZ

**CONCEDER** ao aposentado, nas mesmas épocas de reajuste do pessoal efetivo, o mesmo índice de aumento que for atribuído ao pessoal da Cemig.

**PAGAMENTO** da diferença resultante do primeiro reajustamento após a aposentadoria, com base no valor integral do índice, e não com base na proporcionalidade, como vinha sendo feito. Este pleito já foi reconhecido pela própria justiça como procedente em várias unidades da Federação.

**PAGAMENTO** do fator de reajuste inicial — FRI — ou bandeirada a todos aqueles que se aposentaram e não foram com o mesmo contemplados.

A CEMIG concorda em mais um representante dos trabalhadores junto à Forluz.

# I Encontro de Vice-Presidente de CIPAs

Nos dias 28, 29 e 30 de outubro passado aconteceu no Sindicato o I Encontro dos Vice-presidentes de CIPAs da Cemig, promovido pelo Sindieletrô, tendo a coordenação da CIPAST — Comissão Interna e Permanente para Assuntos de Segurança do Trabalho.

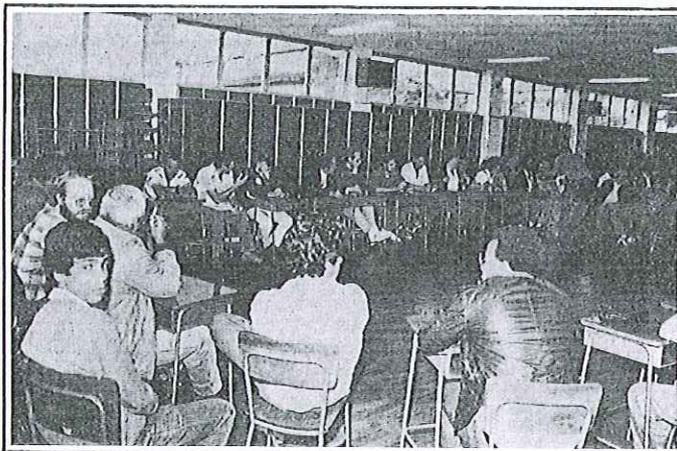
O Encontro foi aberto pelo presidente do Sindieletrô, Vivaldo de Souza Neto, que ressaltou a importância do acontecimento para toda a categoria dos eletricitários. "Nós, os trabalhadores, somos os mais interessados na segurança do trabalho, por isso devemos estar atentos a todas as inovações da área e mais, exigirmos da empresa um sistema eficaz na prevenção de acidentes", ressaltou Vivaldo Neto em sua exposição de abertura do Encontro.

Coordenado pelos membros da CIPAs o I Encontro de Vice-presidentes de CIPAs contou ainda com a participação de mais de 80 vice-presidentes do interior, que estiveram nos três dias de programação debatendo os problemas da área para aplicação de normas capazes de prevenir acidentes com os trabalhadores. O palestrista Levil Batista abriu sua palestra ressaltando a importância da comunicação eficaz entre os trabalhadores e da necessidade de uma linguagem clara na orientação dos empregados acerca dos procedimentos para se evitar acidentes. Muitos acidentes acontecem por absoluta falta de conhecimento dos riscos a que o trabalhador está exposto durante sua jornada de trabalho.

## PALESTRISTAS

Participaram do I Encontro de Vice-presidentes de CIPAs trabalhadores, relatando suas experiências pessoais no dia-a-dia do trabalho, e autoridades e técnicos ligados à área. Entre outros participaram o dr. Walter dos Santos Ferreira, superintendente de Recursos Humanos da Cemig; dr. Eduardo Rubim de Moura, chefe do Departamento RH/ST; dr. Simão Pedro G. de Carvalho, do RH/AS-3; dr. Dário Carlos da Paz Lemos, RH/DP-1; dra. Raquel Riggoto, do Ministério do Trabalho; e o dr. Adolfo Valadares Portela, secretário de Minas e Energia, representando o governador do Estado, dr. Hélio Garcia.

O dr. Walter dos Santos informou que existem 94 CIPAs, com mais ou menos 1.500 empregados. E só neste ano foram realizadas 890 reuniões e quase 100 SIPATS. Segundo ele, a partir das alterações em sua política de segurança, a Cemig conseguiu atingir uma das melhores performances nesta área. O que, infelizmente, não tem evitado alguns acidentes fatais. Falou ainda o superintendente de Recursos Humanos da Cemig que "existe uma certa inibição por parte dos integrantes das CIPAs, por temor de criar sensibilidade com áreas da



Vice-presidentes de CIPAs debatendo questões de segurança

empresa e que é necessário analisar profundamente as causas dos acidentes".

## PREVENÇÃO

Usando da palavra no I Encontro dos Vice-presidentes de CIPAs, o dr. Simão Pedro de Carvalho, chefe da Divisão de Medicina do Trabalho, RH/AS-3, disse que o objetivo da medicina do Trabalho é prevenir as doenças e os acidentes (ocupacionais e não ocupacionais). Falou sobre os exames periódicos, os programas de vacinação e os cuidados relativos aos acidentes de trabalho, informando ainda que na capital existem 8 postos de atendimento médicos da Cemig.

Um tema significativo, particularmente em relação aos motoristas, foi apresentado pelo sr. Antônio Lúcio, da Metrobel, que é técnico de Segurança do Trabalho. Segundo ele, foi este o ressumido de uma exaustiva pesquisa para apontamento de causas de acidentes de trânsito:

- |                              |     |
|------------------------------|-----|
| a) Falhas humanas.....       | 70% |
| b) Falhas mecânicas.....     | 10% |
| c) Falhas das estradas.....  | 10% |
| d) Falhas dos pedestres..... | 7%  |
| e) Falhas ignoradas.....     | 3%  |

Esses dados provam a falta de consciência preventiva por parte das pessoas. Para ele, é preciso evitarmos os acidentes, numa iniciativa nossa, ao invés de esperarmos a iniciativa dos outros. Outra informação preocupante dada pelo técnico de segurança: certas empresas

concessionárias de transporte coletivo incentivam seus motoristas a serem infratores, expondo-os constantemente a acidentes, na medida que eles ganham mais se fizerem mais viagens.

Segundo a psicóloga Vicentina Marangon, da Cemig, "a amplitude de conhecimentos que temos — para se evitar e prevenir acidentes — esbarra sempre com a realidade dos acidentes", apontando ainda uma imaturidade nas pessoas com relação ao tema, e uma constante fuga das pessoas em assumir responsabilidade perante o fato.

Para ilustrar sua colocação, a psicóloga lança mão do exemplo do adicional de periculosidade, citando algumas colocações a respeito:

- há muitas distorções quanto à sua interpretação;
- há ainda uma inversão de valores, ou seja, os indivíduos passam a não dar valor à vida, à sua pessoa, visando receber o adicional.

Ainda que haja um certo exagero nestas colocações, de qualquer maneira fica claro que existe mesmo uma má comunicação, uma deficiente pedagogia entre empresa e trabalhadores quanto à questão dos acidentes. O que há, na realidade, é um jogo de empurra-empurra, onde a empresa usa uma linguagem de denúncia da "irresponsabilidade" do trabalhador. Como quem diz: houve acidente? A culpa só pode ter sido do empregado, que "não observou" as normas de segurança. Também os tra-

balhadores exageram, achando ser de total responsabilidade da empresa a prevenção de acidentes. Nem tanto à terra nem tanto ao mar: há que ser divididas as responsabilidades e tarefas de prevenção de acidentes, pois no fundo atinge a todos, empresas e trabalhadores. Inclusive, para corroborar este fato, o dr. José Eduardo Rubim de Moura disse em sua palestra no I Encontro de Vice-presidentes de CIPAs sobre uma "atitude religiosa ou crença, das pessoas (distorcida, conformista), que passam a admitir a fatalidade. E mais ainda, o assunto segurança no trabalho não é levado a sério no Brasil e que, portanto, a política de segurança não pode ser engavetada, e sim praticada. Acha que o empresário não é punido convenientemente, daí, a prática de insegurança.

## ÚLTIMOS 15 ANOS: 60.000 TRABALHADORES MORREM EM ACIDENTES

Outra paletrista que usou da palavra no I Encontro foi a médica do Ministério do Trabalho em Minas Gerais, dra. Raquel Riggoto, que informou que o número de acidentes fatais no Brasil nos últimos 15 anos é da ordem de 60 mil. Um número recorde em termos de acidentes de trabalho, e que revela uma verdade dolorida: há um descaço generalizado pela segurança do trabalho em nosso País, e a correção disso exige um esforço redobrado de sindicatos, empresas e trabalhadores. A médica do trabalho foi ainda enfática ao anunciar que as empresas precisam ter consciência de sua função social, e investir de maneira prioritária nos aspectos da segurança do trabalho.

Com efeito, em nosso País realmente anda num ritmo insatisfatório os investimentos na área de segurança, condições de higiene, de lazer e de saúde para o trabalhador. Basta lembrarmos a questão da segurança dos carros. Todas as estatísticas apontam um índice de 70 a 80% como causadores de acidentes ao fator humano. Quer dizer, 70% dos acidentes envolvendo automóveis têm como motivo falhas humanas. Mas ninguém se lembra do baixíssimo investimento que as montadoras usam para equipar os automóveis com segurança. Todo o investimento vai para a questão estética, para a beleza do carro, etc. Ninguém se lembra que, ainda que os automóveis ficassem mais feios ou mais caros, teriam uma segurança maior, caso fosse investido mais na preocupação com a segurança.

O I Encontro de Vice-presidentes de CIPAs foi encerrado com a participação de todos num amplo debate sobre segurança do Trabalho, o que tem sido alcançado até aqui e a necessidade de novas medidas para resguardar a vida do trabalhador brasileiro.



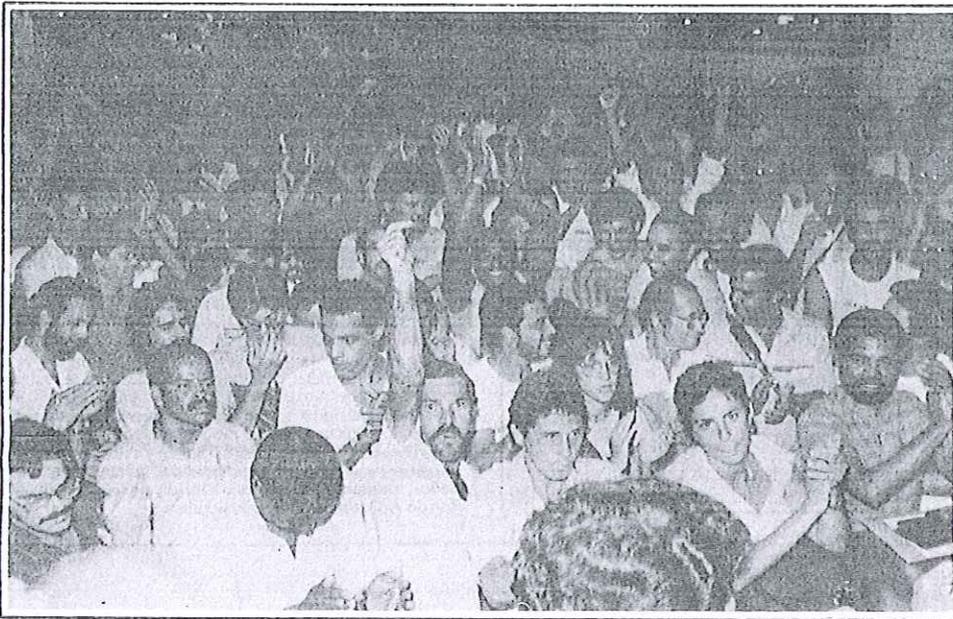
Os companheiros atentos às questões de segurança



Abertura do I Encontro de Vice-presidentes de CIPAs

# Críticas e sugestões

## saídas do Plebiscito



Existem mil maneiras de dizer sim ou não: o importante é participar



Nesta parte do trabalho sobre o plebiscito procuramos listar as diversas perguntas e críticas feitas pelos companheiros através do voto. Neste alinhamento de sugestões, perguntas e críticas, julgamos mais correto dar a resposta também através das próprias palavras dos companheiros escritas também no voto. Assim, montamos um painel exclusivamente com o que disseram os companheiros, ou seja, montamos um diálogo da categoria. Esperamos ainda que este trabalho seja ponto de partida para uma reflexão de todos e, ainda, mote para debates e novas sugestões para nossa luta sindical.

### SOBRE NEGOCIAÇÃO

**Crítica:**  
"Faltou combate, liderança e criatividade da diretoria do Sindicato".  
"Não saiu greve nem melhor aumento porque a diretoria do Sindicato desmobilizou a categoria".  
"Mais firmeza nas negociações. Lembre-se que o governo tem ganho todas as últimas quedas de braço com os sindicatos".  
**Argumentação:**  
"A categoria atualmente não tem estrutura para uma greve geral que atinja os objetivos pretendidos. Exemplo: num universo de 15.000 funcionários apenas 200 ou 300 comparecem às assembleias".  
"Uma minoria luta para dar boa vida a todos, inclusive aos diretores da Cemig".

### SOBRE FORMAS DE ENCAMINHAMENTO

**Crítica:**  
"É preciso negociar até a exaustão antes de ficar propondo greve".

"A empresa radicaliza de um lado, e isso não deveria ser limitado pelo Sindicato".  
"O negócio é negociar. Brigar sim, greve não".  
**Argumentação:**  
"É claro e evidente que diálogo tem limite, sou contra o extremismo, mas às vezes é inevitável".  
"Por que não se discutiu apenas salário? É preciso agir mais e falar menos".  
"Com a ferrenha imposição do governo de não se permitir salários acima do IPC, reposição etc, a saída é incluir questões assistenciais tiradas da For-luz, Gremig etc".

### SOBRE A FORMA DE CONSCIENTIZAÇÃO

**Crítica:**  
"Eu tenho muito tempo de luta, mas uma coisa que eu não aceito é informar o que se passou nas assembleias para quem não comparece nas mesmas".  
"Não dou informação para morcego puxa-saco e turma do contra".  
"Quem não comparece nas assembleias é obrigado a seguir toda e qualquer posição tirada lá. Na lei na marra".  
**Argumentação:**  
"Temos que levantar temas do Senge e do Sindieletro que afetam diretamente a todos os empregados e discutir pacientemente a importância da participação de todos".  
"Devemos discutir com toda a categoria não somente as questões que afetam a gente diretamente, mas o papel da dívida externa no encarecimento da vida dos brasileiros, o Pacto Social etc".  
"Discutir com os associa... todos os empregad..."

dos também os problemas sociais, econômicos, para evitar o esvaziamento da entidade".

### SOBRE A CAMPANHA UNIFICADA

**Crítica:**  
"Sou a favor que se faça uma reflexão sobre a prática da negociação para que haja mais clareza e buscar o aperfeiçoamento".  
"Tivemos a decepção de ver dirigentes de certos sindicatos do interior arriar a trouxa diante da empresa em plena mesa de negociação".  
"Precisamos da união de todos os sindicatos com mais sinceridade".  
"Os dirigentes sindicais têm que se preparar melhor para as negociações".  
"Sou a favor de começar antes as negociações".  
**Argumentação:**  
"O difícil é que dos 10 sindicatos da Campanha Unificada somente o Senge, o Sindieletro e o de Juiz de Fora arrastam gente para as assembleias. Tem sindicato aí que faz assembleia com 15 ou 20 pessoas".  
"Essa de dirigente afinar na mesa de negociação é de doer. Cabe a cada assembleia criar comissões para fiscalizar seus dirigentes".  
"Exigir um compromisso de cada sindicato de que ninguém assinará acordo isoladamente".  
"Se certos dirigentes tiverem a coragem de explicar para a assembleia a importância de um pequeno sacrifício para salvar a unidade, certamente a maioria entenderá".  
"Começar a campanha salarial em junho. A pauta tirada em cada sindicato irá para uma assembleia unificada onde alguns temas serão envidados e ficará uma pauta realmente unificada e... vada pelo..."

conjunto, o que seguramente garantirá uma unidade real até o fim".

### SOBRE A ORGANIZAÇÃO

**Sugestões:**  
"A diretoria destaca seu comando para cada repartição e vai logo parando tudo".  
"O Presidente do sindicato dá ordem e a gente acata".  
"O Sindicato dá um jeito de acabar com a repressão dos chefes que nós enfrentamos qualquer coisa".  
"Fazer reunião na Cidade Industrial, que está des-samparada".  
"Trazer gente da CUT e da CGT e parar tudo, sem deixar uma só repartição funcionando".  
**Argumentação:**  
"Nós não podemos esperar que o comando do Sindicato venha parar, feito aconteceu na sede no dia da greve. E se a polícia prender todos eles como fez com o pessoal no dia da greve nacional?"  
"Com aquela uma hora de paralisação eu aprendi que a união tem de partir de nós. Unidos, não tem repressão que nos segure. Por que todo mundo não decide ficar em casa uma semana? Quem vai lá prender a gente?"  
"A diretoria do Sindicato nos esclarece, mas somos nós que temos de tomar as decisões. Nada de paternalismo, né?"  
"Temos de escolher líderes naturais em todas as repartições".  
"Tirar representantes por setor para evitar dispersão".  
"O representante de cada setor faz uma corrente de informação e animação e a turma acaba saindo do paradeiro".  
"Criação de um fundo de greve mensal e obrigatório para todos os empregados da Cemig".

# Periculosidade:

## Sarney foi envolvido

**D**iz o velho ditado popular que palavra de rei não volta atrás. Ma na longa experiência de avanços e recuos da luta dos trabalhadores, os governos vêm com frequência atropelando este ditado. O caso do Adicional de Periculosidade é apenas mais um.

Depois de mais de trinta anos de luta, os eletricitários conseguiram a aprovação da Lei no dia 20/09/85, e no dia 26 de dezembro do mesmo ano o presidente Sarney regulamentava a citada lei, explicitando o Adicional de Periculosidade como portador de algumas falhas técnicas, mas no geral com um justo sentido de proteção do trabalhador. Entre as empresas energéticas, a Cemig foi das que mais espernearam contra a Periculosidade.

O Sindieletrô se viu forçado a concentrar grande parte de suas atividades na luta por esta questão, durante mais de seis meses, com reuniões com a empresa, com diversos setores de funcionários prejudicados, com o Ministério das Minas e Energia, do Trabalho, audiências na Justiça etc.

Tudo isso sem contar a briga cotidiana contra o autoritarismo da Cemig, impedindo a criação de comissão paritária para acompanhar a aplicação da Lei, ou ainda contra manobras como a Circular de 25/07/86 onde a

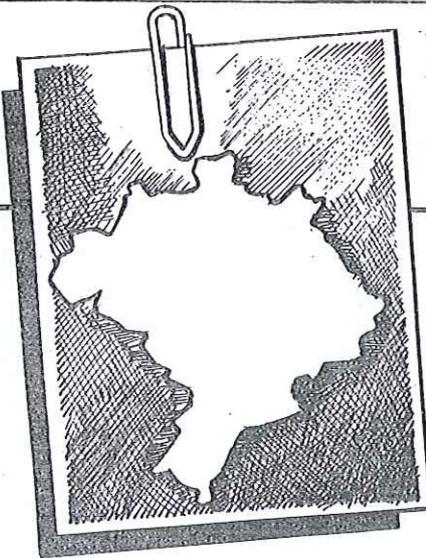


empresa ameaçava fazer pagamento proporcional ao tempo em que o empregado executava atividades nas áreas de risco.

Para se ter uma idéia da dimensão da luta que travamos, basta dizer que, finalmente, numa tentativa desesperada de acabar com o Adicional de Periculosidade, as empresas energéticas formaram um lobby e pressionaram Brasília. O presidente Sarney simplesmente capitulou diante da pressão, assinando uma nova regulamentação, tão estranha e absurda que chega a ferir o próprio texto da lei, que está acima de decreto e regulamentações.

Diante disso, a Cemig voltou a dar vazão à sua velha concepção antipericulosidade e eliminou o pagamento do Adicional para centenas de companheiros que a duras penas conquistaram seu direito (veja Boletim nº 40). Por isso o Sindieletrô acionou a Justiça, para reaver nossos direitos. No dia 20 de novembro passado, a diretoria do Sindieletrô se reuniu com representante da Cemig na Delegacia Regional do Trabalho. Conseguimos, com isto, que a Cemig fosse acionada e obrigada a recomençar o pagamento do Adicional aos companheiros lesados, enquanto não se decide juridicamente esta questão do Adicional de Periculosidade.

## Retrato em Branco e Preto



"Quer conhecer o vilão, passe-lhe o bastão". Este ditado cai como uma luva, ou melhor, como um chapéu na cabeça do ministro da Justiça Paulo Brossard. Nunca vi alguém mudar tanto — mais que da água para o vinho — como o ministro gatinho. Posou esse tempo todo de liberal. Agora é isso que se vê. Perto dele, de sua postura "liberal", o velho Falcão não passa de andorinha de verão.

\*\*\*

O Governo federal diz que a greve geral foi um fracasso.

Ele se esquece de que a sua visão é imediatista, a curtíssimo prazo. Na avaliação da classe trabalhadora a greve vai daqui a muitos anos. Resumindo: o Governo avalia a greve a curto prazo; a classe trabalhadora a avalia enquanto um momento de sua longa jornada pela implantação de uma efetiva justiça social em nosso país.

\*\*\*

Já nem vamos falar do ponto de vista político ou social. Vamos falar exclusivamente do ponto de vista humano. É a questão da repressão policial nas greves de trabalhadores. É desumano, é uma coisa que fere a sensibilidade de qualquer cidadão de boa vontade. Uma coisa definitivamente ridícula: trabalhadores fazendo sua luta legítima (como a fazem os empresários, os agricultores, os banqueiros etc), e sendo tratados como bandidos, como marginais. Tudo isso à beira do século XXI. Mais do que insegurança política, mais do que autoritarismo, é preciso ser desumano para colocar a violência em lugar do diálogo. Desumano para quem sofre a repressão, mais desumano ainda para quem faz a repressão.

\*\*\*

O presidente José Sarney que se cuida: não sei quem disse — mas disse-o acertadamente — que no Brasil governante algum se aproxima do povo impunemente. Há uma elite neste país que não tolera de forma alguma que de repente alguém entenda que o povo tem de se alimentar. Por mais tímida que seja esta aproximação, a ira com que investem sobre o governo que ousa tal gesto faz lembrar os "melhores" momentos de Hitler e cia. O ódio, meus senhores,

sempre partiu dessa famigerada elite. Aliás, já que estamos com a mão na massa, vamos dar alguns exemplos de como, sem dúvida nenhuma, a elite, a burguesia brasileira é uma das mais perversas e insensíveis do mundo, desde os tempos coloniais. Veja só:

1) a Lei do Vente Livre — significava o seguinte: o patrão não tinha mais nenhuma "obrigação" com os filhos dos escravos. Quer leite? Compre, porque a criança agora é "livre".

2) Lei do Sexagenário — Fez sessenta anos? Então rua que você agora é "livre". Quer dizer, o negro trabalhou a vida inteira, quando não tinha mais forças para trabalhar, era obrigado a abandonar a fazenda e ir mendigar nas vilas e cidades. Por que? porque agora ele era "livre". Companheiro, que nome você dá a isso? Safadeza, sacanagem, desumanidade? O pior é que não mudaram absolutamente nada. É um "know-how" de insensibilidade e autoritarismo de quase quinhentos anos.

\*\*\*

E viva 1987. Eu estou cheio de esperanças, cheio de fé e otimismo. Com tudo. Com a classe trabalhadora, com esse danado desse país, que insiste em nos matar do coração, com a Constituinte, com tudo mesmo. Eu só não ousou perguntar o seguinte: de onde eu tiro esta esperança tão escandalosa nesses tempos brabos? E, companheiro, vou lhe contar um segredo: eu não pergunto nada não. Só procuro vivê-la. Mais nada, não tenho força pra mais nada. Mas desejo para você, para mim, para todos nós eletricitários, que 1987 seja um ano bom, que possamos lutar em paz.

# Negociação foi Árdua



A resposta da categoria ao plebiscito, quando da Campanha Salarial, está nos ensinando uma boa visão da categoria dos eletricitários mineiros (veja pág. 9). Isso é muito bom. Sindicato e trabalhadores têm mais é que ter um bom canal de conhecimento, de compreensão, enfim, um intercâmbio que não pode de forma alguma ser diminuído.

Vamos responder algumas dúvidas de companheiros. Pelo menos aquelas dúvidas que a gente supõe sejam as de muitos trabalhadores. E pensando bem, que tal se um grupo de companheiros, pessoas que trabalham num mesmo local, numa mesma seção, viessem aqui no Sindicato conversar com a Diretoria acerca de nossos problemas, de nossas dúvidas? Tai, de repente, pode pintar um novo tipo de programa para qualquer dia à tarde: conversar no Sindicato. Você bem que podia fazer isso, companheiro, trazer sua experiência sindical, sua experiência trabalhista e discutir com a gente. Ponha esse programa na sua agenda. Telefone, inarque hora e vamos discutir nossa vida sindical.

1 — Por que somente depois de uma semana após a paralisação de uma hora é que aconteceu a negociação entre o Sindicato e a Cemig?

— Esta pergunta provoca pelo menos duas respostas. Primeiro: ainda que o Sindicato quisesse, não tinha como entrar em negociação, pois ainda que tenha sido uma greve multissímbio válida, não chegou a causar danos a ponto de colocar a questão como centro principal, talvez porque a greve não atingiu todo o universo da Cemig, ou ter sido apenas de uma hora.

Segundo: numa negociação, você tem também de negociar a data da dita coisa. Não basta, por exemplo, o Sindicato dizer que a negociação vai ser no dia tal. Inclusive, a Cemig queria que a negociação se desse o mais tarde possível após o movimento. Foi a poder de negociações que ele se realizou uma semana depois.

II — O que é uma negociação e como a nossa foi feita?

— É algo de fundamental importância no mundo moderno, a exemplo do papel desempenhado pelos diplomatas, as negociações pela paz e desarmamento, o ecumenismo religioso, a discussão sobre o pacto social etc.

Seguramente, todo cidadão tem algum tipo de experiência de negociação, que começa em casa, entre marido e mulher, pais e filhos, entre vizinhos, passando pela compra de um lote, de uma casa, o aluguel, direção de associações, de clubes etc. A questão da negociação ganha enorme complexidade à medida que o tema envolve cada vez mais o aspecto econômico, político, militar etc.

E devemos ainda citar outros fatores fundamentais em todo nível de negociação, para que seja bem-sucedida, e que são os seguintes:

a) habilidade pessoal — uma questão de educação, de saber falar e ouvir, enfim, de ser educado, calmo, mas sem perder firmeza, sem desviar um milímetro sequer das questões de princípio. Radicalizar nem sempre é o melhor caminho, por isso toda atitude a ser tomada tem de estar em perfeita sintonia com o momento, em sintonia com o pensamento coletivo;

b) aperfeiçoamento técnico do assunto — é por isso, sobretudo, que os sindicatos devem manter algum tipo de convênio com entidades como o Dieese, por exemplo, que prestam uma assessoria de alto nível em questões econômicas. E mais, manter convênio também, ou ter atuante, departamentos jurídico, de Pessoal, de Imprensa etc; e

c) uma força organizada — isso para que se tenha, no mínimo, um relativo equilíbrio entre as partes envolvidas. No caso de sindicatos, essa força consiste em MOBILIZAÇÃO da categoria, através de assembleias, atos públicos e outras formas de pressão e acumulação de forças, e na participação e conscientização dos

membros dessa categoria, através de uma discussão e vivência sindical.

## NO NOSSO CASO

No nosso caso específico, a Cemig seguiu a cartilha do patronato paulista, criando um comando de sete pessoas dos setores jurídicos, burocráticos e administrativos, sob o comando do diretor de gestão empresarial, Dr. João Gabriel. A tônica principal da empresa foi permanecer com um discurso de diálogo, mas com uma prática rígida de não ceder quase nada. Outra característica dos negociadores da Cemig era o de discursos em cima de questões "técnicas" para ganhar tempo, desviar o tema principal, etc. A principal linha de argumentação do comando patronal foi a de que o Plano Cruzado, com

o congelamento de tarifas, trouxe prejuízos enormes à empresa e que o governo federal mais do que nunca exige das estatais rigoroso cumprimento da lei e somente autoriza reajuste limitado.

Da parte do Sindicato, estiveram na mesa de negociação 11 entidades, com cerca de 27 pessoas. Nas últimas reuniões o Sindieletro levou também uma comissão com mais 10 membros.

Nas reuniões preliminares foi firmado um compromisso de que as reuniões seriam comandadas pelo presidente da entidade superior, a Federação dos Urbanitários (Sr. José Alfredo), com os Presidentes de cada sindicato tendo prioridade nas fundamentações e contra-argumentação. Outro compromisso assumido coletivamente pelos sindicatos era de manterem-se unificados e coerentes diante dos negociadores patronais.

As principais linhas de argumentação do Sindieletro foram:

— do ponto de vista político, o pesado rebaixamento salarial da categoria, contrastando com o crescimento da inflação;

— A enorme evasão de mão-de-obra qualificada da Cemig, devido à baixa remuneração;

— que o governo não impede que uma empresa rentável como a Cemig pague bem o trabalhador, pois o que é proibido é repassar tais aumentos para as tarifas;

— que nada impede a Cemig de pagar 10% de produtividade, já que o dia-a-dia do trabalhador da Cemig é de correr atrás de empréstimos para cobrir o déficit familiar, etc.

Do ponto de vista técnico o Sindieletro levou para a mesa de negociação documentos sobre acordos e conquistas de todos eletricitários do país, dados técnicos do Dieese sobre o desempenho econômico e financeiro da Cemig, material do Dieese sobre a inflação e as perdas salariais do trabalhador.

Do ponto de vista da mobilização o Sindicato começou o levantamento de pauta em agosto e a assembleia foi dia 7 e a pauta foi entregue à Cemig dia 30 de setembro. De lá para cá houve 7 reuniões com mais de 7 no total.

## A SECRETARIA INFORMA:

Para revalidar e fazer Carteira do INPS é indispensável que se traga o nº do PIS ou PASEP.





## O outro lado do futebol, segundo Robson



Uma bola lançada do meio do campo. O companheiro da ponta-direita recebe, dá um corte seco no marcador, avança em diagonal e dispara um chute carregado de malícia. A bola morre suave na rede adversária. Mais um gol do Cruzeiro Esporte Clube. Mais um gol na carreira de Robson, o ponta mineiro que explodiu seu futebol na Bahia, e vive agora um romance descarado e alegre com a torcida celeste. Nossa matéria de última página desta vez é com o ponta-direita Robson; uma pessoa inteligente, um atleta consciente de sua arte e das dificuldades de uma carreira de atleta profissional. Dificuldades, alegrias e tristezas que você vai saber nesta matéria.

Com a bola, Robson: "Comecei a jogar no júnior do Santa Tereza, quando o técnico era o Aimoré. De lá ele foi para a Bahia e mais tarde mandou me buscar. Foi a melhor coisa que fiz. O começo no Galícia foi um pouco difícil, mas aos poucos fui me acostumando e me sentindo cada vez mais em casa. Porém, foi mesmo no Bahia, um time onde só tive alegria, onde tenho muitos amigos, verdadeiros companheiros, que naquela grande campanha feita no Campeonato Nacional conseguiram a ser campeão da Seleção Brasileira. Depois o Evaristo caiu, aquela confusão toda e vi este sonho adiado. Mas ainda chego lá".

Robson nasceu e foi criado no Bairro da Graça — uma espécie de cidade do interior em plena Belo Horizonte — onde todos são conhecidos, são amigos e cultivam bravamente este clima de carinho e amizade nas quadras e hoteões da vida. Por aquelas bandas Robson jogou "peladas" em campos de terra, ao lado de também futuros craques como Paulo Isidoro, Antenor (São Paulo), Murilo, Marcelo, Márcio e tantos outros que a barra pesada da vida impediu de seguir em frente. Mas foi ali que o menino Robson aprendeu seus primeiros dribles, a malícia e a ginga que Mané Garrin-

cha patenteou para esta posição do futebol. Velocidade, domínio rápido da bola, coragem de tentar um drible, solitário naquela beirada de campo: ingredientes indispensáveis para quem quer ser ponta-direita, uma posição que andou em baixa nos derrotados tempos de Telê.

ROBSON: "pois é, queriam acabar com a ponta-direita. Mas teriam primeiro que acabar com a retranca, pois não existe arma mais eficiente para vencê-la do que a velocidade, os lançamentos em profundidade. Depois ficou mesmo difícil esta história de ser ponta. A causa disso? Penso que uma das principais seja a falta de campos de várzeas. Acabaram com tudo. Ora, o menino pobre, do morro, da favela, vai jogar futebol onde? Não, não, quadra de futebol de salão não tem nada a ver. O cara pode ser um craque no salão e um cabeça-de-bagre no campo. São coisas diferentes. Não sei qual a saída. Só sei que o futebol de várzea faz uma falta tremenda. É por ali que se começa. Quase todo mundo que exhibe um futebol elegante no Mineirão, no Maracanã, aprendeu a dominar a bola no meio do cascalho, em campos irregulares, aprendeu a não ter "tremedeira" fazendo um jogo de vida ou morte entre bairros rivais".

### VIDA DE TRABALHADOR

O avião, levando a delegação do Cruzeiro, sai de Belo Horizonte na quarta-feira. Devido a greve dos aeroviários, o avião vai parando em tudo quanto é cidade. Na quinta-feira, por volta do meio-dia, aterrissa em Teresina, no Piauí. Hotel, descanso. Um almoço que não desce (tempero diferente, cardápio estranho, etc). Mais um rápido cochilo (sol de 40°C) e ônibus para o estádio. O Cruzeiro está enfrentando o time do Piauí pelo campeonato brasileiro. Vence por 3x1, depois de toda esta maratona.

ROBSON: "E aí, cara, quem está sabendo disto? O torcedor? Não, o torcedor não se liga nessa. Ele quer saber o resultado, pra falar bem ou falar mal. E os dirigentes, a Federação? Ninguém quer saber. Sindicatos? Nós temos a AGAP — Associação de Garantia do Atleta Profissional — aqui em Minas, onde ex-jogadores, como Piazza, dão um duro danado e conseguem desenvolver um bom trabalho. Ampara o jogador da ativa em questões de contrato, de aposentadoria, enfim, questões jurídicas com os clubes. Mas ela ainda tem que melhorar muito. É preciso que os jogadores de times tidos como pequenos venham e participem da vida da AGAP. A AGAP funciona, na prática, como um sindicato, como órgão de classe. Agora, só com a conscientização maior dos companheiros ela vai efetivamente se transformar em sindicato, alargando seus limites de atuação e pressão aos clubes, na defesa do atleta profissional".

É um choque ficar sabendo dessas coisas. Normalmente se pensa que a vida de jogador é feita apenas de alegria, de confetes da fama, de mordomia que a glória lhe proporciona. "Mas aqui no Brasil joga-se assim. Quarta em Porto Alegre, sábado em São Paulo, quarta em Fortaleza, domingo no Paraná... e dá-lhe viagens, cansaço, medo de avião, climas completamente diferentes, comidas estranhas e todo o stress a que se tem direito. A imprensa até que sabe das consequências deste calendário desumano, mas não fala. Pelo menos não fala pra livrar a cara de nenhum jogador. Bola lançada pra mim — diz Robson — ponho o coração na boca e disparo. A bola corre mais. Quem perdoa, quem entende? A vida de jogador de futebol é como a de qualquer outro trabalhador: instabilidade, a incerteza do futuro e a mesma cansaça cotidiana".

O futebol já se tornou um esporte profissional há vários anos, porém o jogador ainda vive completamente exposto a toda sorte de críticas

ao seu comportamento, sem falar do controle exercido sobre sua vida particular, na ânsia de resguardar cada passo do atleta como se se tratasse de um irresponsável qualquer.

ROBSON: "Na Bahia eu fiquei concentrado 14 dias seguidos. A concentração, quando supera 24 horas, torna-se uma coisa desumana, sem sentido. E pior, no fundo isso quer dizer que estão nos tratando como adolescentes irresponsáveis. Ora, hoje o jogador de futebol é um cara consciente da função que desempenha, não é preciso que fiquem a lhe vigiar os passos".

Isso mesmo. O importante, porém, é que fique em evidência a necessidade de se conscientizar os próprios atletas, os dirigentes e a torcida em geral dos problemas e dificuldades existentes na carreira do profissional do esporte. Promover a formação de sindicatos que possam encaminhar aos clubes as reivindicações de melhores condições de trabalho para uma classe que nem chega a ser considerada como trabalhadora e que na realidade sobrevive com a finalidade de promover a alegria de milhares de pessoas.

Quase fim de expediente de trabalho no sindicato. No salão do segundo andar está acontecendo o I Encontro de Vice-Presidentes de CIPAs da Cemig. E para lá que vamos, onde os companheiros eletricitários nos pediram que levasse o Robson. O presidente Vivaldo vai apresentando-o para todos: "Companheiros, este aqui é um trabalhador do esporte brasileiro. É o Robson, ponta direita do Cruzeiro, que veio nos visitar e dar uma entrevista para o SINDIELETRO".

O ROBSON é um idolo sim, um craque que joga num dos times de maior expressão do País. Mas é também, companheiros, um trabalhador, um companheiro a mais na dura luta que todos os trabalhadores deste país fazem cotidianamente, para mais justiça, mais pão, mais alegria para todo o povo brasileiro.

## O dia-a-dia da mulher de hoje

Então? No que deu todo o movimento feminista dos anos 60? Onde estão as mulheres que foram para as ruas empunhando bandeiras e gritando pelos seus direitos enquanto profissionais capazes de exercer qualquer tipo de função? Mulheres que jamais deixaram de ser mães, companheiras e donas-de-casa dedicadas, cientes da importância e responsabilidade do seu desempenho para a formação de uma sociedade mais justa.

Pois é, não pensem que nós desistimos da luta não. Apenas passamos do radicalismo do primeiro instante para a luta real do dia-a-dia. Luta que se faz a cada instante pela operária que deixa os filhos na creche para, no fim do mês, contribuir com a sua parcela no orçamento doméstico. Luta da empresária, que tem de conquistar todo dia o respeito e provar que é capaz. Luta de milhares e milhares de brasileiras, que saem de casa todas as manhãs em busca de um pouco mais de conhecimento, que deixaram

as novelas para conviver diretamente com as pessoas, que procuram uma oportunidade de se realizar profissionalmente e retornam à noite cansadas de um dia de trabalho para assumir o jantar, a roupa suja, as crianças (sim, porque a falta que elas sentem "é sempre da mãe") e o marido que se deita em frente à TV e se julga no direito de fazer toda sorte de críticas à administração da casa, ao comportamento da mulher perante a sociedade, em que se vive.

Realmente parece sensacionalismo de minha parte, mas a realidade que os fatos nos oferecem é exatamente esta. O que ocorreu foi simplesmente um acúmulo de tarefas por parte da mulher. Ao homem coube a cômoda posição de unir a esposa "ideal", segundo os velhos padrões de vida, ou seja, boa mãe, boa amante, ótima cozinheira, lavadeira, dentre outras tarefas domésticas, à mulher que chega em casa cada dia mais culta, mais bem informada, mais participativa da vida social e política do País, e que no fim do mês divide prazerosamente com ele as des-

pesas. Tudo isto porque lhe foi imposto desde a infância que homem não pode ser completo, ou seja, ser solidário. Dividir as tarefas em casa chega mesmo a ser "vergonhoso", sofre diversas pressões, quase sempre de pessoas menos esclarecidas. Seria necessário que se fizesse afinal um movimento masculino para que se abrisse mão desses "direitos", que na realidade são falsos e só servem para atropelar o desenvolvimento do ser humano e da nossa sociedade.

E a mulher? Falso "sexo fraco", que na realidade tem se mostrado fortíssima, como se posiciona dentro de toda essa complexa situação? Será que alguém já pensou a respeito? A mulher que vem abrindo o seu caminho na marra, com a cara e a coragem, muitas vezes abrindo mão de suas coisas mais essenciais, desfazendo seus lares por não conseguir ter prazer com o companheiro que só tende a lhe fazer retroceder, insistindo em lhe cobrar as mesmas posições que

se vem tentando superar. A mulher que se sente capaz de colaborar na política e que na realidade não consegue o voto nem das próprias companheiras, que tiveram suas cabeças feitas num trabalho que durou séculos. A mulher que vem conquistando o amor e respeito dos filhos através do que é capaz, e não por um rótulo que lhe foi imposto (mãe é estar fisicamente com o filho 24 horas por dia) e encontrando resistência inclusive em todas as gerações anteriores à dela.

A mulher trabalhadora, parte essencial do desenvolvimento do país; a mulher mãe, companheira, dona-de-casa, parte também essencial para o bom relacionamento familiar; a mulher batalhadora, que muitas vezes recebe críticas do mais baixo nível, simplesmente por tentar crescer e se realizar enquanto ser humano, sofrendo todo tipo de discriminações: Essa é a mulher de hoje, que mantém, à sua maneira, acesa a chama do verdadeiro movimento feminino.